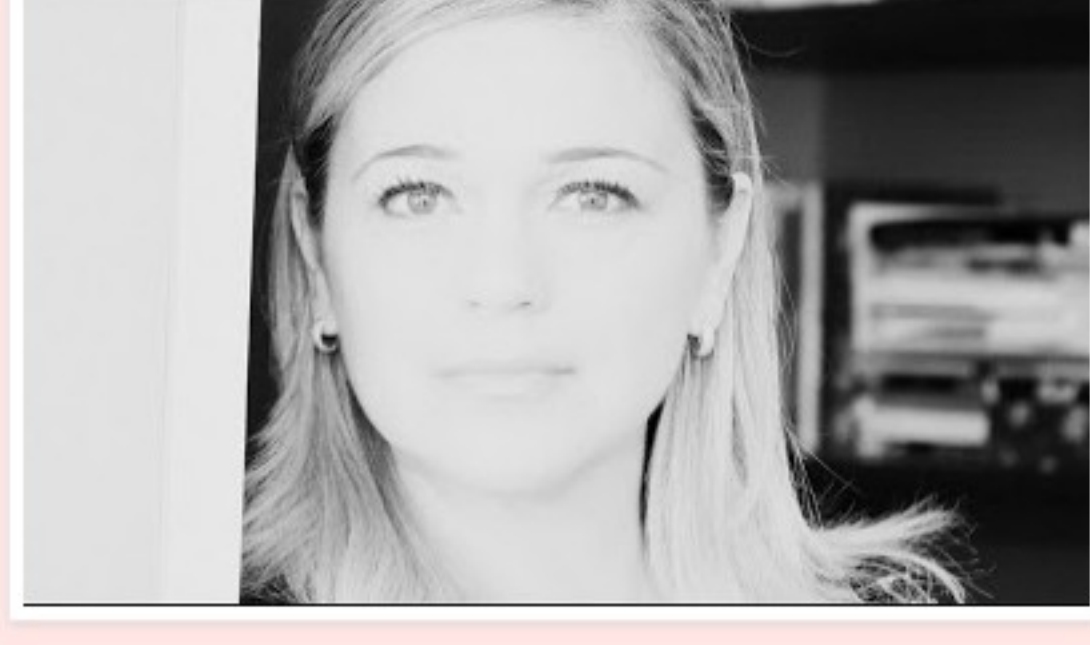


ESTUDOS LUSÓFONOS

etudeslusophonesparis4@gmail.com

quarta-feira, 24 de fevereiro de 2016

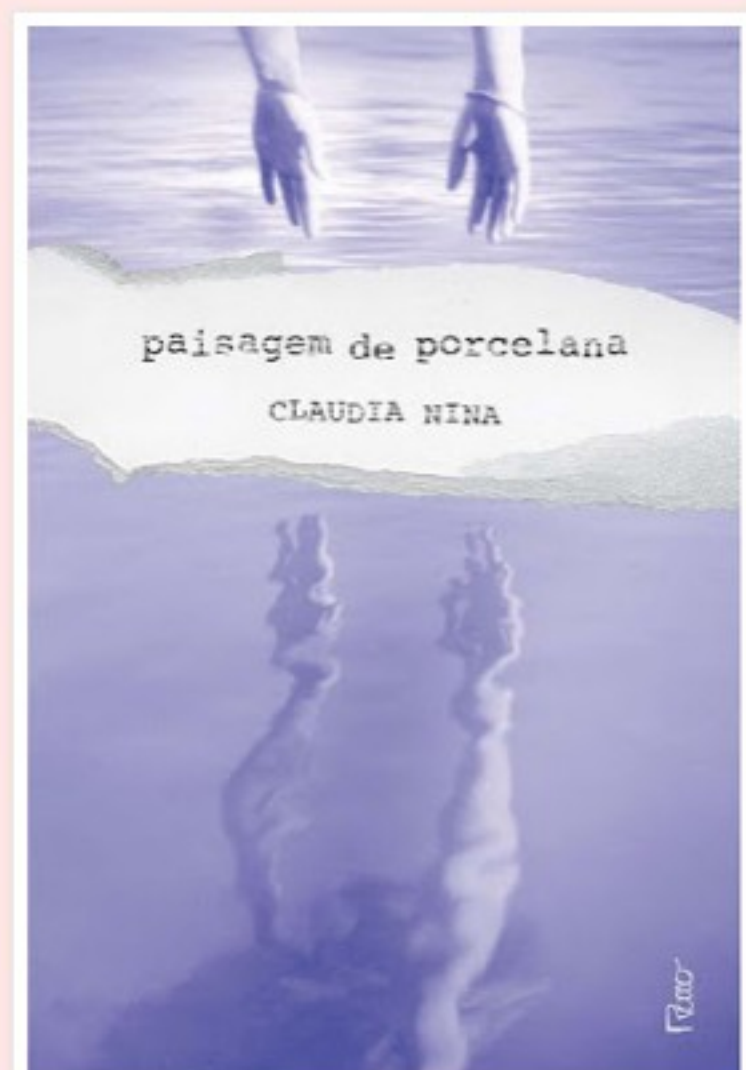
Paisagem de porcelana



Paisagem de porcelana

As experiências e artefatos da exogenia contam já com uma fortuna crítica significativa cujo campo conceitual articula-se, essencialmente, em torno de dois epistemes. O primeiro, de cunho antropológico, tende a privilegiar as categorias espaciais que, no seu sentido geográfico (literatura de i/emigração), econômico (literatura braçuca, american-brazilian literature) e social (literatura da diáspora) direcionam os pressupostos críticos. O “deslocamento” torna-se neste caso a principal chave analítica em função da qual é constatado o valor documental dos textos com o intuito de legitimá-los e/ou inscrevê-los no campo e no cânone literário nacional. Face a esta vertente neoneaturalista, um segundo núcleo conceitual confere à experiência do deslocamento extra-territorial uma profundidade poético-discursiva, como sugerem os conceitos de escrita fronteira, diglossia, literatura portunhol, escrita migrante etc. Ao retomarem a hipótese de Edward Saïd segundo a qual a cultura ocidental seria, em larga medida, “obra de exilados, emigrantes, refugiados” a exogenia passa a desempenhar a função de fundadora de uma certa modernidade estética. É neste sentido que podemos compreender o posicionamento de Marthe Robert para quem o nascimento do romance moderno europeu estaria vinculado à tradição inaugurada por Dom Quixote e Robinson Crusoe, narrativas que, segundo a crítica, expõe o sujeito à ruptura das origens e a diferentes formas de deambulação exógena : errância, fuga e viagem iniciática. É através desta chave que podemos ler o belíssimo romance *Paisagem de porcelana* da escritora Claudia Nina, uma das convidadas da 3ª edição do *Printemps Littéraire Brésilien* que acontece em Paris durante os dias 21 e 31 de Março de 2016.

Leonardo Tonus



Sneeuw

Fui a Utrecht no começo de um dezembro sem rosto. Precisava dividir com Peter a aflição do desconhecimento; o assombro de não saber onde estava meu reflexo tinha de ser dividido mesmo que com uma pessoa sem a menor ideia de qual diagnóstico me dar. Eu buscava algum antídoto contra aquela maldição; quanto mais me desesperava em agonia silenciosa, mais meu rosto fugia de mim.

Não tinha ninguém além de Peter que me parecesse real. Os holandeses viviam em uma dimensão que não era a minha - eu não conseguia entrar na realidade deles. Não pertencia à Holanda na mesma proporção que a Holanda ignorava a minha presença, não seria naquele momento que a situação iria se modificar, quando eu havia perdido o que mais me qualificava diante de mim: a cara com que vim ao mundo.

As ruas estavam modestamente enfeitadas para o *Sinta Klass* - um enfeite aqui outro ali, tudo sem brilho, uma decoração tão opaca quanto a minha figura no cenário que não me aceitava. Segui em frente, pisando com força as botas de guerra nas pedras avermelhadas, na esperança de que uma delas me engolisse e daí eu despencaria sem fazer esforço, indo parar em algum buraco no mais dentro daquela terra - um vulcão submerso seria a surpresa. Em vez de jorrar no alto da colina, o vulcão espalharia lava pelas ruas e inundaria os pés de quem passava despercebido. Qualquer situação me parecia menos trágica do que a fantasmagórica sensação que eu experimentava. Um vulcão gravado no dentro das águas submersas.

E se eu me reconhecesse no rosto de algum estranho? Ai seria o fim de tudo ou um começo de vida mais decente, quem sabe? Se eu me reconhecesse no rosto de uma holandesa típica, veria a minha cara sem precisar de espelhos, e veria também o quanto poderia ser feliz no pescoço de alguém que sabia apertar as tarraças certas.

Sai da *Centraal Station* de Utrecht em direção ao prédio do departamento onde Peter trabalhava, localizado na parte medieval da cidade tão linda. Casas renascentistas, velhice de pedra, vários canais menores, pequenos veios, mais estreitos que os de Amsterdã, talvez mais podres. Atravessei uma das pontes. Olhei para cima e vi mais enfeites. Todos igualmente opacos, e eu sem serventia para o cenário. Segui.

Alguns canais afundam-se até cinco metros abaixo do nível das ruas para evitar inundações. Em uma das ruas esmirradas, a calçada era tão estreita que mal cabiam meus pés de bota - por um triz não fui escavar as águas. *Oudegracht*. Não dava para ficar olhando para cima à cata de enfeites, era melhor prestar atenção nos passos e decidir se queria mesmo afundá-los em algum vulcão submerso ou se chegaria inteira até Peter. Não era uma questão de escolha: eu estava apenas seguindo um fluxo, e o máximo que conseguia era me manter de pé e dar passos em uma linha reta da estação até a praça e depois fazer uma pequena curva à direita para então seguir outra linha reta e alcançar o prédio. Decorei o percurso.

Utrecht é uma cidade romântica para quem tem um par ou imagina que este passeia por perto. Há uma quantidade enorme de estudantes, muitos bares. E igrejas. A torre gótica, de 1300 e alguma coisa, é a mais alta da Holanda - a *Domtoren*. A famosa torre venceu o furacão no século XVII, que destruiu a nave central. Li isso no guia e não serviu para nada - eu só queria saber onde está um rosto. Todo o meu conhecimento técnico a respeito do país veio do guia turístico, mas nada serviu de fato para me ajudar a entrar na dimensão em que os holandeses vivem. Não estava escrito em página nenhuma, por exemplo, como fazer para não morrer afogada na chuva ou como desenvolver a engenharia dos diques para construí-los na alma a fim de que a chuva de fora não encharcasse por dentro. Isto sim seria de muita utilidade.

Cheguei ao prédio do departamento e lá estava Peter sentado à frente do computador, que, por sua vez, ficava de frente para uma janela que nunca se abria nem mesmo nos poucos dias em que o verão se lembrava de dar as caras. Nevava pingos. O chão recebia os pingos um por um, sem rejeição, e aquele pingado de neve fazia o manto do inverno só por instantes; logo depois o pingo se desfazia em água e, gota por gota, ensopava a rua. Quando encontrei Peter, estava ensopada; o rosto suave ao contrário, porque os poros não molhavam por dentro e sim de fora - não era suor, era o pingo da neve gelada que meu corpo recebia com raiva.

Peter me chamou de perto da janela à guisa de um olá. Achei que fosse alguma coisa importanteíssima, uma revelação, um assassinato, um dragão branco vestido de Papai Noel, mas não. Era a neve que pingava. *Sneeuw* - neve em holandês.

New - ele disse - *new*.

E continuou:

Minha de filha de cinco anos come a letra esse. E fala new em vez de sneeuw. Ela come os primeiros esses de todas as palavras.

Peter falou com alegria estendida ao máximo - uma grande corda puxada de uma extremidade à outra. Aquele era um de seus momentos de maior intensidade, eu nunca antes tinha presenciado tamanha alegria. Ver a neve cair e falar dos feitos linguísticos da filha ao mesmo tempo. Esperei que depois desta informação viesse outra para justificar o contentamento, mas depois percebi que tudo era aquilo só. E aquilo só era muito, uma quase exaltação da vida. Eu não alcançava a altura.

Não conseguia compreender a alegria suprema de se ter uma filha que persistia em: ter a filha de 5 anos que engole os esses das palavras e, em um dia de neve pingada, estar em um escritório com uma janela-nunca-aberta, de frente para a neve que pingava e lembrar da filha que come os esses das palavras. Realmente, a neve pingando era (deveria ser) um lindo bom dia se eu realmente existisse naquele cenário. Ouvi com atenção o comentário sobre a neve e a filha e, em resposta, disse algumas coisas que não acrescentaram nada ao momento. Por fim, quando não havia mais assunto diante da neve que pingava nem da filha que engolia os esses, falei:

Peter, estou mal.

Claudia Nina é Jornalista e doutora em Letras pela Universidade de Utrecht, na Holanda, com tese sobre Clarice Lispector, publicada pela Editora da PUC-RS (*A palavra usurpada*, de 2003). Trabalhou como professora-visitante na Uerj, em Teoria Literária. Desta experiência, nasceu a base da pesquisa para seu segundo livro: *A literatura nos jornais: crítica literária dos rodapés às resenhas* (Summus, 2007). O livro *A barca dos feiosos*, com ilustrações de Zeca Cintra, foi sua primeira obra de literatura e foi apresentado como trabalho final de curso do Publishing Management - O negócio do Livro, pela Fundação Getúlio Vargas. Pela Editora DSOP, publicou seu segundo livro infantil, *Nina e a Lamparina*, com ilustrações de Cecília Murgel. Também publicou o perfil biográfico *ABC de José Cândido de Carvalho* (Editora José Olympio), e os romances *Esquecer-te de mim* (Editora Babel, 2011) e *Paisagem de porcelana* (Rocco, 2014). Os lançamentos mais recentes são os infantis *A misteriosa mansão do misterioso Senhor Lam* (Vieira & Lent, 2015) e *A Repolheira* (Aletria, 2015). Participou em 2014 de antologia e *A Vou te contar* (Rocco), com o conto “Na solidão da noite”. É colunista da Revista Seleções (Reader’s Digest).

Quem somos



Paris, France

Visualizar meu perfil completo

Páginas

- Equipe
- Um dedo de prosa
- Debates
- Um minuto, um livro
- Baú de textos
- Artes
- Entreletras
- Culturas urbanas
- Cursos

Postagens populares



solidões da memória



Printemps Littéraire Brésilien 2017



Escrever primeiro, ler depois



Journée Portes Ouvertes - Sorbonne/Portugais



Navio Provisório



O Silêncio da Jabuticabeira



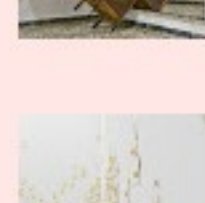
Para você, cabeça de vento!



Como aprender a amar



Peres e eu.



A Galinha dos ovos de outro

Postagem em destaque

Livrada na FLIP 2016

Livrada na FLIP 2016 Você já tomou uma livrada? Doeu? Você sabe com qual livro você apanhou? Ele era de literatura? Se for, saiba qu...



Acompanhe o nosso blog

Email address...

Pesquisar este blog

Seguidores

Seguidores (216) Próxima

